

Para FH, modelo Vargas concentrou renda

Ex-presidente da República alerta para o risco da volta do autoritarismo, para ele o pior legado de Getúlio

Fotos de Sérgio Borges

Lydia Medeiros

• O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fez ontem um balanço otimista do Brasil atual, apesar das dificuldades e da desigualdade social. Ao analisar o legado da Era Vargas para o futuro, em debate no GLOBO com uma platéia de leitores, Fernando Henrique afirmou que o modelo econômico criado por Getúlio foi altamente concentrador de renda, baseado em grandes empresas estatais ou em empresas privadas beneficiadas por recursos públicos. O evento foi o último do ciclo de debates realizado pelo jornal para analisar os governos de Vargas 50 anos depois de sua morte.

O ex-presidente não criticou o modelo de Vargas: disse que ele foi fruto daquele período e que ajudou a transformar o Brasil, mas que hoje seria anacrônico.

— A despeito de uma tendência de crescimento da população, a renda *per capita* está aumentando. Houve melhoria. As pessoas repetem que piorou, mas onde estão os dados? Não devemos perder a perspectiva de que foi muito pior no passado — disse o ex-presidente, reconhecendo, no entanto, que o problema do desemprego é grave e deve persistir.

O ex-presidente traçou um panorama dos últimos 80 anos da História nacional e aproveitou para corrigir a interpretação de suas palavras ao tomar posse na Presidência, dez anos atrás, quando decretara o fim da Era Vargas. Ele afirmou que nunca foi um antigetulista, a não ser no aspecto do autoritarismo. E comparou a capacidade de Getúlio de se adaptar às diversas circunstâncias de sua época e tirar proveito das situações ao estratagemas do poeta português Fernando Pessoa, que escrevia com diferentes nomes:

— Se Vargas fosse poeta, faria como Fernando Pessoa e teria vários nomes para expressar sentimentos diante das circunstâncias.

“O mundo hoje é outro”, diz

• Ao analisar as circunstâncias históricas, Fernando Henrique lembrou que a sociedade brasileira mudou independentemente do Estado e que, por isso, as fórmulas varguistas não servem mais.

— A idéia de pensar que hoje esse tipo de manobra ou aquele tipo de Estado pode funcionar é anacrônica. A sociedade é outra, o mercado é outro, o mundo é outro — disse, ressaltando a capacidade de Vargas para lidar com os problemas:

— As qualidades para governar hoje são as mesmas, de liderança pessoal e equilíbrio de visão. Mas tentar de novo construir à maneira de Getúlio o que foi feito por Getúlio é uma tarefa difícil — disse.

Para Fernando Henrique, os presidentes que se mantiveram no poder em tempos democráticos foram os que tiveram capacidade de compreender a diversidade do país e conseguiram “sair do jogo”, se comportando como “imperadores”:

— Quando o presidente se deixa envolver no turbilhão dos interesses, não tem condições de governar. Deve sair um pouco da confusão e procurar, aí sim, levar para uma certa direção.

O perigo, disse Fernando Henrique, é quando o presidente não percebe os limites do jogo, na democracia, onde atuam as forças da sociedade, os partidos políticos e o Congresso:

— Aí também não governa. Porque o Congresso tem capacidade de bloquear. Jânio Quadros (ex-presidente que gover-



FERNANDO HENRIQUE: o ex-presidente disse que foi mal interpretado e que nunca foi antigetulista

*“Nossa época é mais da sociedade do que do Estado (...)
E eu tentei regular o Estado”*

FERNANDO HENRIQUE

nou por sete meses o país) é o exemplo mais vivo disso.

Para Fernando Henrique, Getúlio entendeu essas barreiras e agiu com ambiguidade sempre que necessário. Foi capaz de incorporar as massas trabalhadoras como novos atores da vida política, mas as manteve sob controle.

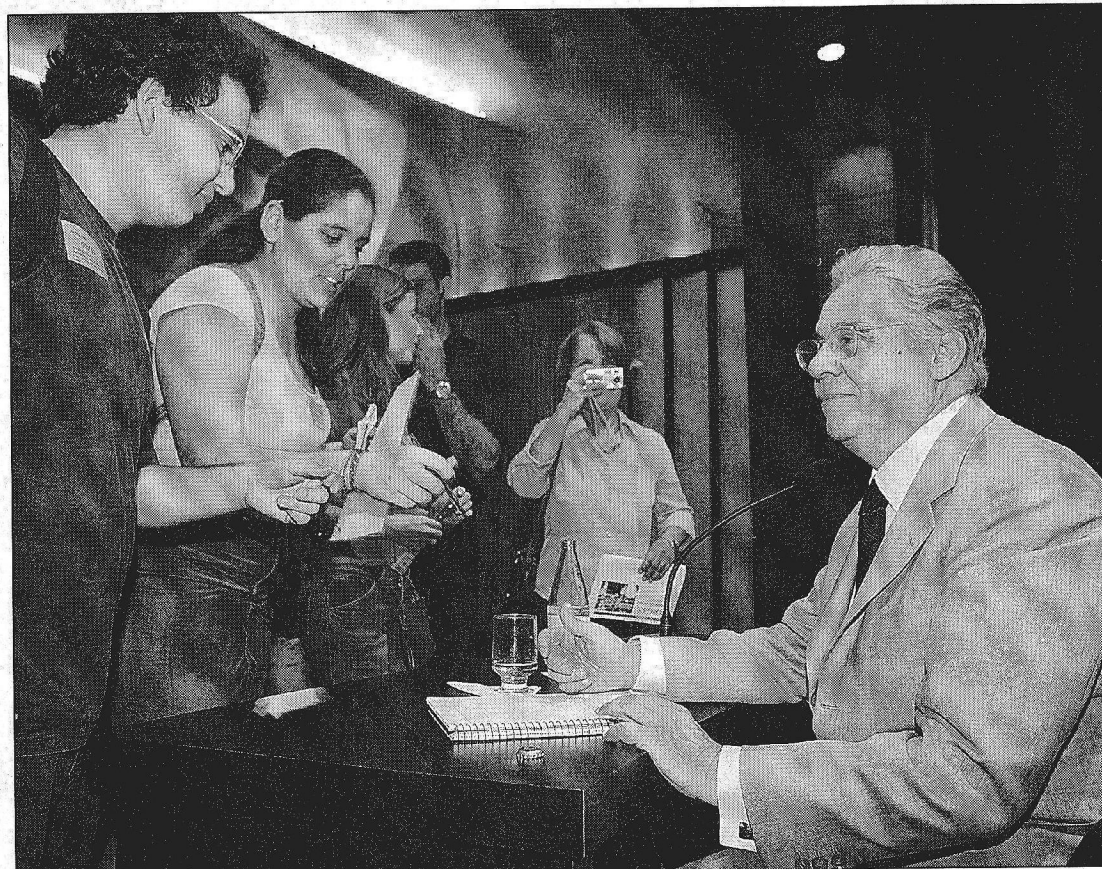
— Não conheço outro caso na História de um presidente que governou com dois partidos que socialmente eram tão diferentes, o PSD com os velhos caciques, e o PTB a partir dos sindicatos. E depois continuou assim, com JK, Jango.

Além disso, acrescentou Fernando Henrique, Getúlio criou inúmeros conselhos para tratar de política externa, comércio e outros temas.

— Getúlio fez anéis burocráticos. Levou para dentro do Estado o interesse partidário e da sociedade. Foi capaz de equilibrar-se nessa confusão. Mas talvez não tenha percebido que em 1953 estavam se esgotando as bases para esse tipo de regime. E foi levado a ganhar morrendo, se matando. É trágico — disse.

Ele também abordou o legado mais festejado de Vargas, a criação das leis trabalhistas, e defendeu a reforma urgente do setor:

— A luta política, em campanha, passou a leitura de que a reforma seria acabar com os direitos trabalhistas. Talvez agora o governo Lula possa flexibilizar. Já devia ter feito, porque



ESTUDANTES PEDEM autógrafos ao ex-presidente depois da palestra sobre Vargas no auditório do GLOBO

“Getúlio não era caudilho. Foi fruto das circunstâncias, mas tinha capacidade tática, malícia, visão”

FERNANDO HENRIQUE

com o tempo perde condição. É mais difícil dizer do Lula o que diziam de mim, já que ele vem do sindicato e eu não. Nunca quis acabar com os direitos, quis ampliá-los.

Para o ex-presidente, a oposição à reforma vem da visão diferente de uma sociedade democrática. Disse que hoje o problema é o oposto daquele dos tempos de Getúlio:

— É uma visão em que o Es-

tado carimba e reconhece seu direito, ou é uma sociedade na qual os indivíduos são capazes de se organizar e têm direito eles próprios. O Brasil custa a aceitar essa ideia da democracia. Se Getúlio teve aspectos positivos ao incorporar ao Estado as classes trabalhadoras, hoje o problema é oposto, é valorizar a sociedade e ter um Estado mais universal. É banal, mas difícil de implantar. Vamos ter de conseguir.

O ex-presidente considerou que entre as lições que Getúlio deixou estão a ideia de que o presidente não pode se deixar levar pela corrente, e que precisa criar instituições para atingir bons objetivos. Para Fernando Henrique, Getúlio criou as instituições de sua época — o BNDES, as leis trabalhistas, por exemplo. Disse que, em seus oito anos de governo, cabia criar

“Não conheço outro caso na História de um presidente com dois partidos (PSD e PTB) antagônicos”

FERNANDO HENRIQUE

outras, destinadas a valorizar a sociedade. Ele citou o Provão, o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental, o programa para a agricultura familiar (Pronaf) e as agências reguladoras dos setores privatizados:

— Nossa época é mais da sociedade do que do Estado. Já a pior herança getulista, elegeu Fernando Henrique, foi o autoritarismo que, segundo ele, teima em voltar à tona. O

“Nunca fui antigetulista. O problema é que a época é outra. Isso (as leis trabalhistas) vai ter que mudar”

FERNANDO HENRIQUE

ex-presidente não foi específico, mas, respondendo a uma pergunta da platéia, citou a tentativa de controle da imprensa, com a proposta de criação de um conselho nacional de jornalismo.

— Vejo avaliações positivas do governo Geisel (do período militar). No fundo há uma certa paixão pelo autoritarismo. “Ah, se o presidente tivesse a caneta! Assinou; mandou e fez”. Isso é muito ruim. Francamente, essas recaídas de uma visão autoritária e voluntarista são um risco muito grande — disse, ponderando que hoje as instituições estão mais fortes para reagir:

— Você hoje dificilmente consegue voltar a um tempo de controle efetivo da imprensa. Há muitas maneiras de controlar, e há muitas maneiras de controlar indiretamente. Mas de qualquer maneira é muito difícil que possa acontecer. ■

► **NO GLOBO ONLINE:**
Ouça trechos da palestra de FH sobre o Brasil e a Era Vargas
www.oglobo.com.br/pais

AMANHÃ

Os arquivos do STF sobre a extradição de Olga Benário